

Apresentação do dossiê

Literaturas africanas (predominantemente) no feminino – narrativas, identidades, diásporas

Rosilda Alves Bezerra (UEPB)*
ORCID 0000-0002-0870-6695

Francisca Zuleide Duarte de Souza (UEPB)**
ORCID 0000-0002-9378-5921

O continente africano vem apresentando uma produção literária que se faz representar no universo das letras ao lado das outras manifestações, sem nada deixar a desejar. As mulheres africanas destacam-se com produtos incontornáveis. Vencendo largo período de invisibilidade, as autoras constroem suas narrativas expressando o seu patrimônio cultural, sem desconsiderar a evolução social que insere as Áfricas num tardio e complexo processo de modernização. A urgência de ler e contribuir para a visibilidade da escrita dessas mulheres impõe-se. A dinâmica da escrita na qual estão mergulhadas essas vozes femininas dissonantes às vezes desenha um perfil mais alargado do universo das muitas Áfricas, contemplando visões afinadas com identidades cambiantes, que levam à reflexão sobre a mulher em países saídos de regimes de subserviência, emergindo para um novo mundo, cujo espaço para a voz feminina, arrancado a duras penas, vem ocupando territórios antes proibidos. Escritoras tratam, nos seus textos, dos mais variados temas, libertas do infame rótulo de “escrita de mulher”, tantas vezes invocado. Economia, política, lutas de classe, gênero, preconceito, sexo, educação, práticas religiosas, tudo tem lugar na escrita da mulher escritora africana.

É com base nesse complexo universo literário, político, histórico, social e estético que este dossiê foi proposto, e, de certo modo, tal complexidade aparece discretamente representada em sua configuração. Como o leitor verá, em meio a artigos voltados para a produção feminina, aparece um sobre Pepetela, talvez porque tenhamos notado ao longo da preparação do dossiê que escritores e escritoras africanos homens e mulheres vêm se debruçando sobre temas em comum, ainda que as questões pertinentes ao gênero apareçam refratadas em seus textos e apresentem uma singular inflexão nas obras das mulheres. Mesmo assim, questões relacionadas às lutas pela independência, à diáspora, às memórias e às problemáticas expectativas de futuro aparecem disseminadas nos diversos artigos publicados neste número.

Em “Das anotações de um guerrilheiro em Cabinda à problematização literária do tribalismo como herança colonial”, Adriana Cristina Aguiar Rodrigues discute as questões autorais e éticas implicadas na escritura de *Mayombe*, de Pepetela, e a discussão sobre a diversidade cultural que constitui o território angolano simbólico e de fato. Mas as relações de perturbação da autoctonia e as tensões da época colonial também aparecem na discussão desenvolvida por Sávio Roberto Fonseca de Freitas e Rodolfo Moraes Farias, em “Cultura autóctone e contaminação colonial em Moçambique: mimesis moderna no romance *Niketche*, de Paulina Chiziane”, artigo em que os autores analisam a hibridização de traços

* Doutora em Letras e professora da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: rosildaalvesuepb@yahoo.com.br.
azuldragonk@hotmail.com.

** Doutora em Letras e professora da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: zuleideduarte@hotmail.com.

da tradição e da modernidade na escritura romanesca de Paulina Chiziane a partir da teoria do romance.

Já o tema das memórias e uma crítica da escravização dos africanos durante a colonização, mas também depois, ainda que em outros níveis, é analisada por Ana Rita Santiago em “Baladas e o Mar – Morada de Memórias – em *O Canto dos Escravizados*”, livro também de Paulina Chiziane tomado em diálogo com uma pesquisa mais ampla sobre escritoras negras brasileiras e africanas em língua portuguesa. A hibridização tanto formal quanto cultural constitui-se num elemento frequentemente apontado nos artigos do dossiê e também é o foco de “A voz de Kambili: hibridismo cultural em *Hibisco Roxo* de Chimamanda Ngozi Adichí”, no qual Rosana Ruas Machado Gomes analisa o romance *Hibisco Roxo*, demonstrando como a identidade híbrida revela-se, na narrativa, como possibilidade de afirmação da posição de sujeito pela protagonista.

Rodrigo Nunes de Souza, por sua vez, analisa a representação da educação da mulher moçambicana, em “A educação feminina moçambicana em contos de Lília Momplé”, articulando a discussão às relações étnicas e de gênero. E Luís Carlos Alves de Melo discute a representação literária de conflitos recentes na poesia de autoria feminina da Guiné-Bissau, analisando como o recurso à memória em *No fundo do canto*, de Odete Semedo, que, segundo o crítico, se constitui numa via de negociação das identidades e potencializa uma postura de resistência às opressões étnico-raciais e sociais.

Nas figurações da cidade contemporânea em “A mulher africana e a cidade contemporânea em *Americanah*”, Ludmila Guimarães Maia analisa as relações entre um polo protagonista e outro antagonista, de cuja relação emergiria um terceiro polo narrativo de mediação que, na narrativa de Chimamanda Adiche, vincularia temporalidades e urbanidades afro, outra vez apontando para o tema da hibridização.

Finalizando o dossiê, apresentamos juntamente com Tania Lima, uma análise do romance *O ventre do Atlântico*, de Fatou Diome, na qual discutimos as representações da experiência do exílio elaboradas a partir da autobiografia e da ficção, assim como suas porosidades envolvendo sonhos, conflitos, decepções e, enfim, migrâncias, no artigo “O outro lado do El Dorado em *O ventre do Atlântico*, de Fatou Diome”.

Como o(a) leitor(a) poderá notar, o dossiê é representativo de muitos aspectos dos estudos de literaturas africanas. A recorrência de temáticas como o exílio, as migrações, as tensões e os imperativos para a configuração de identidades num contexto pós-colonial, o desafio da participação da mulher nas esferas da educação e da produção cultural, assim como as relações entre autoctonia, localismo e diálogo com outros territórios linguísticos, culturais e simbólicos são aspectos que apontam para uma cartografia provisória dessa literatura, predominantemente feminina neste dossiê, abrindo uma agenda de debates.

Por outro lado, a tendência à afirmação de certas abordagens sobre outras, com notável predomínio das teorias pós-coloniais para o caso em questão, aponta para um momento dos estudos em literaturas africanas que, por um lado, se mostra eticamente empenhado na valorização de grupos subalternos, questões identitárias, raciais e de gênero, mas que também tem como consequência certa cristalização do olhar para o literário a partir de poucas abordagens e certa despreocupação em relação à escritura enquanto expressão.

Haveria que destacar, por fim, a diversidade geográfica dos artigos e dos perfis dos(as) pesquisadores(as). Críticos(as) de todas as regiões do país aparecem neste dossiê, e também críticos(as) em diferentes etapas de sua trajetória acadêmica, o que sugere o interesse que os estudos sobre as literaturas africanas têm despertado no Brasil e ainda aponta para o caráter protético desse campo de estudos no país, no presente e para os próximos anos.

Agradecemos a todos(as) os(as) colaboradores(as) desde número e desejamos uma ótima leitura!